

O VAZIO E A PHANTASMAGORIA: IMAGENS DE UMA PRÁTICA NARRATIVA

José Carlos dos Santos*

RESUMO

Escrever é uma arte. É um tipo de exercício que coloca ao público não somente um “produto”, mas, algo visível. Além desta aparência física há, inegavelmente, implícita, uma operação de tessitura, onde a imaginação se desloca e a criatividade, como um marco da individualidade do autor, se torna possível. Um texto dirigido por um tipo de saber especializado revela este ímpeto da imaginação, agindo numa espécie de cumplicidade com a teoria e a ordem institucional. Um enunciado historiográfico, por exemplo, revela este estilo de arte. O presente texto quer demonstrar este exercício de “pintura”.

PALAVRAS-CHAVE: Operação; Territorialidade, Artefatos Culturais.

ABSTRACT

Writing is an art. A type of exercise that places the public not only a “product”, something visible. Besides this physical appearance, there is undeniably implicit, a tessitura operation, where the imagination moves and the creativity as a mark of the author’s individuality becomes possible. A text managed by a type of specialized knowledge, reveals this impulse of the imagination, acting in a type of complicity with the theory and the institutional order. A historiographic enunciation, for example, it reveals this art style. This text wants to demonstrate this exercise of “painting.”

KEY WORDS: Operation; Territoriality; Cultural Artifacts.

A tessitura de um texto é uma composição onde o seu autor, ao confeccioná-lo, revela sempre a sua percepção do espaço circulante e os signos de uma cultura. O gesto de escrita registra a experiência antropológica em dois tempos. As imagens de outrora, perdidas num tempo da imaginação

* Historiador, doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

e o lugar que data e revela as astúcias de sobrevivência do homem autor do texto. Dessa forma, temos os fragmentos da cultura realizada por meio de utensílios de maior ou menor importância, mas, que estão num campo de visão, sempre à altura de novos usos. Eles estão transformados em artefatos que adquirem aparência e poder performativo.

Fragmentos da cultura. Assim são os registros. Este conhecimento classificado, tornado conhecido, constituidor de sujeitos (FOUCAULT, 1999) está presente no fragmento de um texto. Em 1928, por exemplo, pôde ser lido a seguinte afirmação, referindo-se à cultura argentina: “Os argentinos buscam inculcar nas suas escolas, com grande visão patriótica, no ânimo dos filhos dos estrangeiros, o sentimento da pátria e da nacionalidade, não dos progenitores das crianças, mas da pátria de que serão filhos amanhã, da terra que os acolheu generosamente como irmãos.” O texto nos chama a atenção, basicamente por destacar com tanta eloquência três imagens fundamentais: a) a pátria e o patriótico; b) o estrangeiro e a nacionalidade; c) a educação e o sentimento nacional. São representações bastante significativas para a data, 1928. São imagens fortes, veiculadas através da impressão, fato que gera a compreensão de que a circulação não seja restrita e, por sua vez, outros meios, que não os impressos, as permitam circular. Isto nos instiga a interrogar sobre a circularidade discursiva, ou seja, pensar o suporte da sua enunciação.

O texto é um relatório de viagem escrito por Manuel Carrão, na ocasião em que este visita o Posto de *Prophylaxia* de Fóz do Iguassú, no extremo Oeste do Paraná. Nessa ocasião, ele ocupa o cargo de Director do Departamento de Higiene do Estado. Este pertencimento do autor do discurso é fundamental para a compreensão da plausibilidade do enunciado, bem como, considerando o sentido do veredicto, localizá-lo em diálogo como a organização da espacialidade. A narrativa, desta forma, toma os contornos de uma territorialidade porque, ao mesmo tempo em que pertence ao universo da cultura, através do emissor presta-se à organização do instante através do gesto de enunciação. Como uma autoridade que, institucionalmente, fala através de Manuel Carrão, percebe-se não se tratar de uma fala qualquer, mas de um autor, como diria Pierre Bourdieu, “mesmo quando se limita a dizer com autoridade aquilo que é, ou então, quando apenas se contenta em enunciar o ser, o autor produz uma mudança no ser: pelo fato de dizer as coisas com autoridade, ou seja, diante de todos e em nome de todos, pública e oficialmente, ele as destaca do arbitrário, sancionando-as, santificando-

as e consagrando-as, fazendo-as existir como sendo dignas de existir, ajustadas à natureza das coisas ‘naturais’” (BOURDIEU, 1996)

O veredicto é tornado público mediante um pertencimento. A *Directoria* do Departamento de Hygiene é um órgão oficial do Estado, o que nos leva a considerar uma autorização na forma de cumplicidade com aquilo que o emissor torna público. A autoridade também se esconde sob forma de instituição, uma forma política. Contudo, é necessário lembrar que, em havendo cumplicidade no discurso, o autor não é capaz de produzir por si só as condições para que o seu discurso seja dito, da mesma forma, a instituição pode ser o suporte que garante a permanência do veredicto no tempo e no espaço, porém, ela não é a criadora da representação que permite falar através de si. Trata-se de entrar no jogo, fazer o discurso no interior do interdiscurso. Com isto, queremos dizer que a forma do discurso, não está somente na *Directoria*, no Estado e muito menos em Manuel Carrão.

Pierre Bourdieu tem chamado a atenção que “(a) relação dialética entre o interesse expressivo e a censura não permite distinguir na *opus operatum* a forma e o conteúdo, o que é dito e a maneira de dizê-lo ou até mesmo de ouvi-lo.” Trata-se do reconhecimento das formas e das normas conhecidas. Assim é que reconhecemos a cumplicidade do discurso. Esta sugestão nos instiga a pensar que a plausibilidade discursiva exige que a forma perpassa o veredicto por vários outros campos de saber, especialista ou leigo.

As temáticas tratadas - os três aspectos que apontamos acima -, estão sendo retratadas em um relatório de atividades da *Directoria*, órgão oficial do Estado. Este fato nos remete a deduzir que a maquinaria de governo é cúmplice do veredicto, inclusive enquanto tática administrativa. Isto pode ser melhor visualizado quando Manuel Carrão afirma: “Sem detença tomámos todas as medidas que o caso exigia, e, empreendemos viagem á longinqua comarca da Fóz do Iguassú”. A expressão “tomamos” denuncia o “nós” que o autor quer dizer: nós, o governo... nós, a governabilidade.

As temáticas, como dissemos, são bastante expressivas. Não devem ser encontradas somente no discurso da oficialidade. O fato da sua circularidade estar presente na fala oficial precisa ser buscado em fontes autorizadas a emitir representações fundadoras, pois, que, as instituições não são criadoras daquilo que dizem; elas suportam e dão visibilidade a algo que lhes é invisível. Diríamos que a instituição é apenas o nível formal das representações. Há, necessariamente, portanto, um nível espiritual, aquele no qual

está a imaginação e a teoria. Quem os expressa são os especialistas do conhecimento, reunidos em torno de classificações bem nítidas: as escolas de pensamento, as correntes teóricas, as disciplinas. Corpos delimitados como *a Sociologia, a Medicina, o Direito, a História*. Trata-se de um campo de saber onde os especialismos, numa luta de representações para a nomeação do inominável, concorrem para a criação de representações fundadoras de um sentido à ordem social.

No interior deste campo de concorrência pode ser percebida uma trajetória dos sentidos para *pátria, nacionalidade e educação*, visíveis no relatório oficial de Manuel Carrão. Deixemo-lo falar um pouco mais sobre pátria: “Encaremos a nossa Pátria como ella deve ser estudada; olhemos para a sua grandeza, estimulemos a sua invejável situação e os seus promissores destinos e, confiantes no seu futuro, tratemos de amparal-a sufficientemente, assegurando-lhe perfeita vitalidade.” Perceba-se que fica ainda mais visível que o autor fala do interior da instituição, pois chama para si a ação verbal do próprio discurso: olhemos, estimulemos, tratemos. Mas, é importante notar o porquê de mirar-se no exemplo argentino da educação: estudá-la, estimulá-la e ampará-la. Contudo, parece-nos, o conceito chave que perpassa o seu relatório é a última palavra desta citação: vitalidade. As demais ações que ele enumera desembocam nesta última. Vitalidade é a idéia de fortaleza; vital é a expressão de condição para viver. É a idéia de soberania. A soberania nacional.

O pensamento de época presente neste relatório do viajante e director, deixar perpassar uma correlação bastante pertinente. Sabemos o quanto as práticas discursivas colonizatórias da cultura portuguesa preocuparam-se com a territorialidade brasileira. Elas se esforçaram para a constituição de um sentido de soberania correlata aos domínios do soberano. Historicamente, constitui-se uma representação de nação brasileira, primeiramente ligada aos domínios de um território e, posteriormente, em torno do direito herdado sobre este território e seus súditos. Estes sinais povoam a compreensão atual do Estado moderno. Daí, a aproximação que o espírito faz facilmente entre nação e território. Por esta razão, o viajante relata o que vê no “estrangeiro”, a Argentina: mira-se na identidade do outro. Com ela concorre. Esta é a vitalidade fantasmagórica, para usar o termo do próprio autor.

Seu discurso é pertinente. A pertinência encontra-se no fato de que está sendo escrito em viagem. “*Impressões de Viagem a Fóz do Iguassú e Rio Paraná*”. O relatório expressa um ato de indignação em relação ao

vazio demográfico do Oeste Paranaense. A narrativa o descreve como uma verdadeira ameaça à soberania nacional. O sentido da ameaça deve ser compreendido de três modos. Primeiro, por tratar-se de um viajante, percebe de imediato a necessidade de incremento dos meios de transportes. “Fóz do Iguassú está ligada a Curityba por uma estrada carroçavel que não satisfaz as necessidades do momento. Bastam poucos dias de chuva para tornal-a intransitável, occasionado mudanças de itinerário, como a nós aconteceu,¹ e aos que demandam as barrancas do Paraná”. E continua: “Distando de Curityba 764 kilometros, Fóz do Iguassú necessita de meios de transporte rapidos e seguros. A linha ferrea, além de outros, traz a vantagem do descongestionamento das mercadorias. O oeste do Estado está, pois, servido por um regular systema de estradas e para seu completo desenvolvimeto, é necessário além do mais ligal-o de modo efficiente à capital do Estado.” É necessário colocarmos o discurso dentro do seu próprio tempo. O que significa *systema* completo para o desenvolvimento, em 1928, em se tratando de estradas de rodagem? São as estradas “carroçáveis”. Embora, hoje, nem o próprio termo seja de uso corriqueiro, fica estabelecido o vínculo do pensamento e a organização do espaço: é evidente uma preocupação com o conhecimento do espaço bem como uma gestionabilidade mais racional dos seus domínios.

Contudo, desenvolvimento e progresso em termos de transporte são aqui representados como sendo a via férrea. A escatologia de Manuel Carrão permite percebermos isto. “No caso particular de que nos occupamos, o oeste paranaense, o difficil problema vae sendo resolvido com intelligencia porque, servido já por um system de rodovias que não é mau e construida a via-ferrea, terá o Estado grande passo no caminho do progresso.” E para encerrar esta encenação do progresso, sentencia: “a defesa e o desenvolvimento economico da Republica estão inteiramente subordinados ao grande problema dos transportes: via-ferrea para os grandes percursos e transporte de mercadorias de grande pezo e volume, rodovias para os pequenos percursos e transporte de mercadorias de volume reduzido.” É a utopia do progresso pelo transporte? “E, partindo de Curityba, pela Estrada de Ferro do Paraná, após percurso de 183 kilometros, através de curvas caprichosas

¹ - Essa referência, “que a nós aconteceu”, deve-se a fato de que o Director fez viagem a Foz do Iguaçu através da Argentina. Havia transporte férreo através de Santa Catarina até Assuncion.

que o monstro, com pulmões de aço, o percorre em 5 ½ horas, entre campos suavemente ondulados e extensos, se descortina ao longe e ao cimo de majestosa collina verdejante...a locomotiva corre celere, vomitando fumo que se enovela no espaço, e aquelle quadro pittoresco como num kaleidoscópico, numa phantasmagoria bizzara, ora desaparece e logo surge de outro lado do comboio, ora mais alto, ora mais proximo... Súbito, o silvo estridente do trem de ferro saúda, alfim, uma poetica cidade, que, languidamente reclinada sobre um tapete luxuriantae de vegetação vae, vagarosamente, delinmeando o seu perfil risonho. Mais alguns instantes e ei-la, bem no alto, orgulhosa e alegre, toda branca e festiva, dominando o matiz verdejante dos campos que a circundam, núm verdadeiro e majestoso oceano de verdura e de flores...” O vazio demográfico toma este perfil na ocupação, um caleidoscópico que não existe, mas que, para a vitalidade da soberania nacional na sua compreensão, é necessário existir. E mais: A soberania vem de trem. Pulmões de aço como a pátria devia ser. *Phantasmagoria...*

Se a ocupação do vazio demográfico do Oeste virá de trem, o braço para o trabalho será estrangeiro. Daí, a necessidade da educação. Por esta razão, a observação no “estrangeiro”: E não foi uma afirmação qualquer. Ela era bem precisa como um ato cirúrgico. Manuel Carrão, como muitos homens da *intelligentsia* paranaense da época, sabiam os qualificativos do homem nacional. “Os argentinos buscam incutir nas suas escolas, com grande visão patriótica, no ânimo dos filhos dos estrangeiros, *não as dos progenitores das crianças,*”. Este destaque que o autor dá para a frase chama muita a atenção. Ela significa que não se trata de qualquer educação; por outro lado, também, que o estrangeiro tem algo a ser negado, nesta região de fronteiras. Esta preocupação torna-se mais visível quando afirma que “a proteção da zona fronteiriça é uma necessidade que se impõe e do que lamentavelmente não cogitamos até hoje, como verificamos ainda em a nossa recente viagem, apesar do brado de alarme dos verdadeiros patriotas que não se cansam de clamar pela nacionalisação das nossas fronteiras, nas quaes existem grandes latifundios em mãos de estrangeiros!”. Trata-se, portanto, de uma necessidade de profilaxia do território: os estrangeiros ameaçam a soberania nacional, à medida que ocupam o vazio demográfico sem qualquer pertinência de legalidade. São, neste caso, invasores da fronteira; por outro lado, se educado para defender a Pátria na sua territorialidade edificante, ou seja, passarem pelo crivo da santificação institucional, os braços passam a ser laboriosos. Assim, pela narrativa, os corpos estrangeiros ganham nacionalidade através

da letra do autor e são projetados como educáveis através do banco escolar. A disciplinarização do corpo era capaz de modificar a linguagem e a língua, pensavam.

No seu texto, a fundação da laboriosidade europeia no estado toma contornos rápidos como que um pingo de tinta na aquarela. Rápido e facilmente constitui a positividade da imigração para a consolidação vital do Estado, recorrendo à estatística². “No período de 1907 a 1927, embora interrompido de 1916 a 1919, entraram para o Estado 40.458 imigrantes, porém, estamos certos, firmados nos intuítos patrióticos do Governo do Paraná, que essa corrente de imigração será consideravelmente aumentada, trazendo essa iniciativa grande progresso para o Estado.” Na forma de números, quase que como entidade supra histórica (não são, realmente?), reconstitui o seu argumento: trarão grande progresso ao Estado.

Mas, há, ainda, uma outra representação identitária necessária para a correlação com a soberania, para a qual está chamando a atenção o relatório oficial do *Director*. Trata-se da fertilidade das terras do Oeste. Aliás, a fertilidade é estendida a todo o Estado: “Dessa forma se desenvolve a colonização do Estado que, pela fertilidade do seu sólo e amenidade do clima, vae, cada vez mais, attraíndo os braços de que carece para intensificar a produção em zonas que os meios de comunicação estão sendo construídos facilitam o seu povoamento.” Mas, “no Oeste do Estado, as terras são fertilíssimas e em nada differem das afamadas terras roxas de São Paulo e do nordeste do Estado... poderá ser no futuro, um celeiro para o resto do Estado e para São Paulo, onde a produção de cereaes não é sufficiente para o consumo local, sempre crescente.” Creio fechar-se, desta forma, o sentimento de vitalidade à fantasmagoria que Carrão deseja. Discutir a nacionalidade tendo como pressuposto a territorialidade e o sentimento nacional. Quanto ao Estado do Paraná, suas fronteiras estão em perigo. Ameaças à soberania se fazem pelo Oeste. Há vazios e estrangeiros invasores. Mas, há, também, e ao mesmo tempo, fertilidade e labor em potencial. O sentido de modernidade que ele visualiza, é uma viagem de trem. Ele próprio a está fazendo, mas, chegou a Foz do Iguaçu através da Argentina, não percorreu o traçado da atual BR 277, embora já existisse como estrada carroçável, como ele próprio sinaliza no seu texto.

² - Nos omitiremos, nesse momento, de fazer uma discussão mais ampliada do uso que se faz da estatística enquanto meio de naturalização das representações, como diria Bourdieu. Contudo, é necessário notar que, neste caso, está sendo utilizada como termômetro para pensar as práticas de governo.

As suas narrativas são práticas de conhecimento e reconhecimento de uma identidade e de um território. Sendo assim, ela não é dita somente por um ator social. Uma vez que a sua veiculação encontra finalidade e meios de circulação, é porque existe uma plausibilidade discursiva onde emissores e receptores criam uma rede de comunicabilidade sobre o objeto e a forma de compreendê-lo. De fato, um saber “etnográfico”, divulgado pelo Instituto Histórico e Geográfico Paranaense,³ de autoria do curitibano Dr. Jayme Dormund dos Reis, intitulado “Notas sobre Ethnologia Paranaense” também o menciona. Neste trabalho sobre o “autochtone do Paraná”, sentencia que

é facto aceito que as conquistas e invasões, apesar do sanguinarismo e opressão dos vencedores e do ódio e retrahimento dos vencidos, sempre trazem como consequência, attenuadas pelo contacto e pelo tempo, as causas de mutua repulsão, a approximação dos dous elementos hostis; e, dentro em pouco, estabelecidos as fataes ligações sexuaes surge dellas, lento mas contínuo, um typo intermediário, influindo poderosamente nos destinos da comunidade e acabando por dominar como soberano... uma bella raça adaptada ao clima.⁴

³ - Uma pesquisa mais abrangente deve mostrar melhor a pertinência do Instituto Histórico e Geográfico nas práticas de publicação e difusão do conhecimento. Fundado em 1876, avolumam-se trabalhos que demarcam bem as preocupações da *intelligentsia* paranaense desde o século passado. Estudos recolhidos por Ermelino Agostinho de Leão reúnem estudos sobre a fauna, mineralogia, arqueologia indígena, etnologia, geografia, hidrografia, corografia e geologia⁷. Trata-se de estudos relevantes para a constituição da representação da região, num momento em que, retornamos a dizer, as ciências estavam em fase de constituição do seu corpo de conhecimentos. Esse diálogo que a construção de um saber trava entre metáfora e espaço, garante um sentido ao desconhecido.

⁴ - Para o eminente etnólogo, uma raça genuinamente paranaense, assim como para Carneiro, o futuro trará. Os cruzamentos étnicos trariam melhoria genética e edificaria no vazio demográfico. O Paraná é percebido como o lócus fundamental desta evolução racial, dado os caracteres do apelo nacionalista: fronteira e vazio. A chegada de elementos puros europeus, finalizaria a sonhada miscelânea étnica e poria em causa o typo regional, pois, “De todos os Estados da nossa União, incontestavelmente, foi o Paraná aquelle que recebeu e agasalhou os mais diversos representantes das não menos variadas nacionalidades...E assim a sub-raça mameluca, que evoluíra e se assenhoreara do Paraná, vae-se a pouco e pouco, incorporando o ellemento estrangeiro, que fatalmente está concorrendo à passos largos, para uma nova fusão de ellementos, que se mostra cada vez mais intensa e da qual um futuro que já se nos acena, se completará a grande obra da nova sub-espécie. BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARANÁ. Curitiba. Empreza Gráfica Plácido e Silva e Cia Ltda 1932

O estudo do etnólogo dá visibilidade a uma outra representação correlativa às temáticas levantada por Manuel Carrão. Através dela podemos perceber sinais da vitalidade desejada por Carrão. De um lado, as “fataes ligações sexuae .. uma bella raça” remontam a pensar um tipo humano brasileiro que desde a virada do século, a antropologia teimava em afirmar que era condição para a existência do Brasil Nação. De outro, o clima como fator de desenvolvimento desse typo soberano. Então, de um lado, o corpo do território e, de outro, o corpo humano. Ambos deviam, segundo os autores em questão, sofrer um tipo de assepcia, ou seja, livrar-se de germes patogênicos que ameaçam o equilíbrio.

Estas discussões estão sendo feitas em um momento em que os instrumentos e instrumentais de um corpo de conhecimentos se firmam como ciência, como bem lembradas por Bourdieu (1989) e Certeau (1995). A Geografia, a Etnografia, a Antropologia e outras formas de disciplinas tomam estes contornos. A climatologia e a estatística são lembradas por Carrão e Dourmund do Reis. Elas serão linguagens fundadoras do conhecimento da “amalgamia” das raças e o desenvolvimento das potencialidades do solo e do labor. Esta será outra contribuição fundamental do geógrafo, do historiador, do estatístico e da futura meteorologia.

A representação de “climatologia”, contudo, já tinha usos. Em 1918, Alcides Munhoz, diretor da Fazenda e Agricultura, em seu *Observações Gerais do Estado do Paraná* deixava perpassar o apelo à questão da climaticidade como fator de desenvolvimento. Recorrendo ao eminente *Chorographo*⁵, Dr. Sebastião Paraná, afirmava que “o terreno do Estado tem forma irregular quanto ao seu perímetro. É mais plano do que montanhoso, não obstante conter depressões e alturas notáveis, formando, portanto, divisões climatéricas diversas.”⁶

⁵ - Segundo Aurélio Buarque de Holanda, corógrafo é a denominação daquele que faz descrição de um país, de uma região, de uma província, de um município

⁶ - A descrição que Munhoz faz, subdividindo o Paraná em duas partes, coincide a maior e mais exuberante com o lado em litúgio, ou seja, o *vazio demográfico*. “O (território) da segunda, immenso e bastante elevado sobre o nível do mar, constitue a parte mais rica e interessante do Paraná. Nelle se encontram extensas e formosas mattas, na zona florestal, a ostentarem as galas duma vegetação imponente em sua rude e selvatica sublimidade e magníficos, cujo horizonte se estende à vista do observador como a superfície esverdeado do Oceano. Esses campos, sobretudo na estação estival, são vestidos da mais luxuriante soberba vegetação e regados em parte por caudalosos rios, muitos dos quaes navegaveis e piscosos. Todos esses rios concorrem admiravelmente para augmentar a ferocidade do solo, adequado a toda espécie de cultura agrícola, zootechnica, meridional ou tropical.”¹⁰ Tomava forma um primeiro qualificativo à representação da região: o solo fero, com boas aguadas e chuvas abundantes, propícios para a prática da agricultura. MUNHOZ, Alcides. *Observações Gerais sobre o Estado do Paraná*. Publicação Oficial para a Grande Feira annual do Districto Federal em 1918. Fonte: Arquivo Público do Estado

Embora os conhecimentos produzidos sobre o clima remontem aos princípios da navegação, dedicados a conhecer a direção dos ventos para o deslocamento de embarcações⁷, a previsibilidade estará voltada a uma preocupação pluviométrica nos cânones em que deixa perpassar o relatório de Munhoz, ou seja, conhecê-lo para o desenvolvimento da agricultura. Perceba-se, no entanto, que estas representações estão sendo edificadas num contraponto entre o vazio demográfico e o desenvolvimento, pensados como fator de soberania nacional e ocupação do vazio demográfico do Oeste do Estado.

Já nos anos 20, a climatologia passará por um notável empenho de aplicação de recursos e técnicas. Os boletins passaram a ser mais freqüentes e a previsão do tempo estendeu-se para toda a região Sul do Brasil; instalaram-se vários postos de sondagens por meio de *papagaios celulares*; postos *semaphóricos* para os avisos de temporais; iniciou-se o *serviço aerológico* abrangendo, principalmente, a região de Alegrete, que passou a publicar freqüentemente os boletins sobre “informações *meteoro-agrícolas*”. Estas formas de conhecimento pretendiam uma maior previsibilidade do comportamento do corpo do solo com a finalidade de melhor administrá-lo, como deixa perceber Joaquim Ferraz de Sampaio: “crearam-se os indispensáveis serviços de meteorologia agrícola e previsão de enchentes de rios.” Os rios e a terra. A água e o solo. Eles são órgãos do território.

A consolidação desta *sciência da atmonsphera* converge com a Geografia, a História, a Sociologia, etc., à medida que se esforça na busca de um desenvolvimentismo. Há, portanto, a cumplicidade para a qual nos chama a atenção Pierre Bourdieu. Não se trata, no entanto, de um desenvolvimento qualquer. Não se busca um produto ou uma técnica somente, mas, sobretudo, um *typo* humano *criador*. Somar-se-á a estes conhecimentos a cerca da geologia paranaense. Conhecer o solo será uma condição fundamental para a nostalgia da europeização do vazio, na representação historiográfica. Este grande embate já era chamado há muito tempo pelo Museu Paranaense, o Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense e a Universidade do Paraná.

Enfim, a partir das temáticas que apontamos em Manuel Carrão aportando-nos em Pierre Bourdieu, acreditamos ter problematizado a cum-

⁷ - Por essa razão era constante os mapas de navegação trazerem não só uma descrição e cálculos dos lugares por onde passava o navegador, mas sobretudo de um mapeamento do lado que soprava o vento.

plicidade entre a constituição narrativa do texto e a ordem do inominável. Em outras palavras, discorremos do texto ao contexto, do emitido ao enunciador; seja na ordem institucional quanto no saber especializado, demonstramos representações cumprindo razões de consumo e produção na eficácia: produzir efeitos sociais, atos de consagração: a existência digna de existir, ajustadas à natureza das coisas naturais.

Uma última palavra. Bourdieu tem chamado a atenção para o quanto houve confusão da ciência ao pensar a questão da região, por ter substituído os princípios práticos do juízo cotidiano por critérios logicamente controlados e empiricamente fundados na ciência. Isto acabou por fazer esquecer que as classificações práticas estão sempre subordinadas aos efeitos sociais. Por outro lado, diz o autor: “as representações práticas mais expostas à crítica científica (por exemplo, as conversas dos militantes regionalistas em relação à unidade da língua occitana) podem contribuir para produzir o que aparentemente elas descrevem ou designam, ou seja, a realidade objetiva à qual a crítica objetivista refere tais representações para melhor evidenciar as ilusões ou as incoerências.” Neste sentido, mencionado pelo autor, gostaríamos de pautar o uso simbólico que se fez de clima, estatística, Geografia e da própria História. Usos simbólicos que provocaram deslocamentos. Há que se pensar ainda, como apontamos neste texto de forma rápida, os usos dos meios de transporte ferroviário, telegrafia, da escola, do jurídico e da medicina. Com certeza, são capilaridades discursivas que, na forma de cumplicidade, contribuíram para fazer aparecer o que descreviam.

REFERÊNCIAS

CARRÃO, Manuel. *Impressões de Viagem à Fóz do Iguassú e Rio Paraná*. Curitiba. Livraria Progresso, 1928.

FERRAZ, Joaquim de Sampaio. *Meteorologia Brasileira*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1943.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Lingüísticas*. São Paulo: Edusp, 1996. Pág. 109.

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer*. 2 ed. São Paulo: Vozes, 1994.

BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARANÁ. Curitiba. Empresa Gráfica Plácido e Silva e Cia Ltda 1932

Recebido para publicação em 08/06/2001

Aceito para publicação em 01/10/2001